

ASPECTOS DE PRODUÇÃO DO TEXTO ARGUMENTATIVO

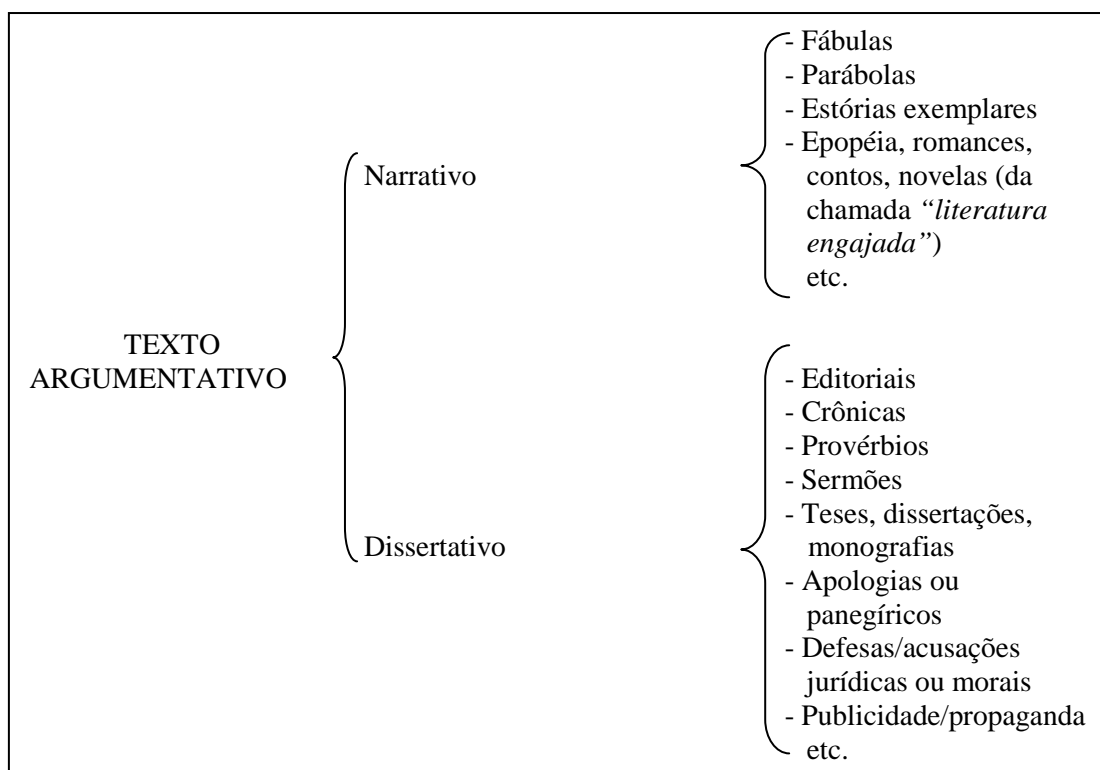
Roque Amadeu Kreutz

Universidade Federal de Santa Maria

O texto argumentativo, pela natureza dos fins a que serve, objetiva conseguir a adesão do enunciatário à tese do enunciador. A sua eficácia, conseqüentemente, depende da adoção, por parte do enunciador, de uma estratégia argumentativa adequada ao conteúdo selecionado e às características biopsicossociais do enunciatário.

O esquema a seguir constitui uma tentativa de delimitar a extensão e a compreensão do conceito de texto explicitamente argumentativo, tendo por base um quadro de referências tradicionais.

A preocupação em conceituar este tipo de texto pressupõe a existência de uma argumentatividade implícita em outros. Ou seja, concordamos com a tese de KOCH (1984), segundo a qual a neutralidade ideológica de um discurso é um mito: todos têm um fim persuasivo mais ou menos claro. Limitar-nos-emos, entretanto, à análise do texto explicitamente argumentativo.



ASPECTOS QUE ORIENTAM A PRODUÇÃO DO TEXTO ARGUMENTATIVO

A produção do texto argumentativo pode ser analisada a partir de duas dimensões: a intenção e a estratégia argumentativa. Entre ambas, existe uma relação de determinação: a primeira determina a segunda.

Intenção

No contexto de estudo de análise do discurso, a palavra intenção não apresenta uma significação unívoca: tanto pode referir-se a um fenômeno que ocorre na psique do enunciador quando este realiza qualquer atividade, quanto à existência concreta de uma rede de marcas lingüísticas que ocorrem num texto já realizado e que determinam o seu sentido. A primeira concepção refere-se àquilo que os estudiosos do assunto denominam de "*intencionalidade do autor*"; a segunda, de "*intencionalidade do texto*".

Essa distinção decorre de uma constatação empírica: seguidamente, não há sintonia de sentidos entre a intencionalidade do autor, isto é, o fim para o qual ele procura orientar a sua produção, e a intencionalidade do texto produzido, isto é, o fim para o qual aponta a rede de elementos situacionais e lingüísticos que garantem uma unidade pragmática e comunicacional completa. No texto explicitamente argumentativo, a discrepância entre esses dois tipos de intencionalidade constitui, sem dúvida, uma barreira de comunicação.

Já que a questão da intencionalidade está muito bem descrita em trabalhos de autores como Ingedore G. V. Koch, o presente ensaio tratará apenas da intenção do autor.

O processo de produção de um texto é desencadeado por alguém movido por uma intenção específica, ainda que poucas vezes bem delineada. Isso, porém, não significa que ela não exista. Entretanto, quando claramente definida, evita digressões desnecessárias e dispersão de esforços. É ela que constitui o pólo orientador de todo processo de elaboração e que comanda toda a estratégia argumentativa de um texto, desde a seleção do tema e sua estruturação, até o uso tático de recursos lingüísticos e estilísticos que, segundo a aposta do autor, contribuirão para a consecução do fim desejado.

Ilustremos esse princípio. Suponhamos que se queira promover uma mudança do comportamento em uma criança que costuma mentir. Caso se opte por uma produção

textual, a intenção de comprometer essa criança com a verdade será o item central de um roteiro de redação.

Estratégia argumentativa

A segunda dimensão do texto argumentativo, determinada pela intenção, é a estratégia argumentativa. Concretiza-se no caminho seguido pelo autor, consciente ou inconscientemente, para conseguir os efeitos por ele desejados no enunciatório.

São duas as atividades gerais do enunciado ligadas à estratégia argumentativa: a escolha do tema (O quê) e o modo de apresentá-lo ao enunciatório (Como?). Enquanto o tema é canalizado para a tese que o enunciador defenderá, o modo de tratá-lo a favor da mesma pode ser feito através de um texto narrativo, dissertativo ou misto.

Para explicitar o conceito de tese, tenhamos presente o seguinte: todas as vezes que falamos ou escrevemos sobre um tema, reproduzimo-lo verbalmente não como ele é na realidade objetiva, mas interrompemos o nosso processo de conhecimento sobre ele, objetivando-o lingüisticamente, assim como se apresenta em nossa mente naquele momento. Em outras palavras, realizamos uma das versões possíveis do tema. Com base nessa constatação, podemos inferir que a tese de um texto é a posição ideológica que o autor assume ou a conclusão geral a que se chega.

Na prática, a proposição de uma tese é a primeira decisão do enunciador no que se refere à estratégia que adotará na abordagem de um tema: acontece no momento em que se desencadeia o processo de produção de um texto argumentativo e poderia ser formulada por uma frase declarativa, com o verbo da oração principal no presente do indicativo. Exemplifiquemos essa orientação didática com o roteiro de redação iniciado anteriormente, cujo tema é a mentira. A tese desse projeto estaria na seguinte frase declarativa: *"Mais dia, menos dia, o mentiroso é castigado pela própria mentira"*. Esse princípio constituirá um meio de concretizar um fim, com o qual formará o eixo orientador da composição do texto planejado.

A segunda atividade geral da estratégia argumentativa se refere ao modo pelo qual o tema e a tese serão apresentados. Essa atividade implica uma série de escolhas que o enunciador deverá fazer no decorrer do processo, umas de caráter mais geral, outras de caráter mais específico. Por exemplo, cabe ao enunciador selecionar o tipo de texto, o assunto, a variante lingüística, a lógica argumentativa fundamentada na verossimilhança ou plausibilidade (determinada por tipos de cultura, áreas de

conhecimento, hierarquia de valores etc), meios pelos quais o texto será concretizado e veiculado, tudo em consonância com as condições de apreensão do destinatário.

Retomando, a título de exemplo, o processo de planejamento da redação já referida e lembrando a pouca idade do destinatário, pode-se optar por uma narração e, entre suas diferentes alternativas, por uma estória de exemplo; nesse conjunto de circunstâncias, cabe, como assunto, um fato em que um menino acaba sofrendo graves conseqüências por causa de uma mentira; quanto à variante lingüística, é oportuno um registro coloquial distenso formal, restringindo-o a um repertório lexical próximo ao dia-a-dia de uma criança; além disso, tendo em conta universos epistêmicos e axiológicos acessíveis ao destinatário, convém limitar a estória à área da empiria familiar e escolar, tendo, como fulcro, o valor à vida; finalmente, diante das circunstâncias de sua vida familiar, pode-se escolher a linguagem verbal oral, associada à linguagem gestual, como meio de concretizar o texto. Todas essas decisões inscrevem-se no quadro da estratégia argumentativa, constituindo algumas de suas táticas que, para realizarem os efeitos desejados, deverão ser adequadas habilmente às circunstâncias de cada discurso.

ARGUMENTATIVIDADE DE ALGUMAS CIRCUNSTÂNCIAS DA ENUNCIACÃO

As intenções de um enunciador nem sempre são por ele inscritas nos enunciados lingüísticos. Não raro, tem ele intenções veladas, cujo acesso só é possível mediante a leitura de signos semióticos que fazem parte das circunstâncias em que acontece a produção do texto.

Qualquer ato de enunciação ocorre dentro de um quadro de condições, tais como: a) é realizado por um enunciador, condicionado biopsicossocialmente, movido por uma ou mais intenções; b) acontece num momento histórico e em determinado lugar; c) refere-se a um mundo (ou a aspectos do mundo) objetivo ou subjetivo, representado semioticamente através de uma língua e dos elementos da situação em que se realiza a enunciação; d) dirige-se a um ou mais enunciatários, igualmente condicionados biopsicossocialmente.

A habilidade que um enunciador tiver para explorar as virtualidades argumentativas desses constituintes da enunciação, certamente contribuirá para a eficácia de sua produção textual.

Relação enunciador x enunciatário

As experiências de cada indivíduo são, em grande parte, fatores que determinam seus condicionamentos biopsicossociais. Sob o ponto de vista da Psicologia Social, por exemplo, é muito difícil, senão impossível, haver significativa intersecção entre os modos de pensar, sentir, querer e agir de um operário, filho de pai operário, e de um patrão, filho de pai patrão, já que cada qual tem características próprias.

Consideremos, outrossim, que a sociedade humana é organizada hierarquicamente. Há esferas em que essa hierarquia é explícita (como na organização administrativa da maioria das instituições); em outras, porém, ela é implícita ou tácita, impondo-se por fatores diversos, entre os quais se destaca o fator econômico. Todavia, na área da produção textual, é relevante o prestígio cultural e social do enunciador, o qual deu origem ao "argumento de autoridade". Conseqüentemente, um texto produzido por alguém de elevada posição sócio-cultural, independente de sua perfeição quanto a outros aspectos, realiza efeitos persuasivos muito maiores do que se fosse produzido por um enunciador sem nome consagrado. É pela mesma razão que textos oriundos de profissionais autorizados têm mais valor (mais eficácia persuasiva) do que os produzidos (e enunciados) por leigos.

Visto que uma das forças argumentativas de um texto se encontra na relação (econômica/política/social/cultural) existente entre enunciador e enunciatário, pode essa relação ser controlada pelo primeiro para transformar-se em tática argumentativa? Na verdade, o controle pode realizar-se retroativamente, quando o enunciador torna patente tal relação, apostando nela como meio de eficácia argumentativa. Suponhamos, por exemplo, que um professor, com boa fluência verbal, sinta-se inseguro na matéria que deverá ministrar a seus alunos. Para garantir a adesão deles a seu ponto de vista epistemológico, realça constantemente, no decorrer das explicações, seus conhecimentos e experiências profissionais. Com isso, está ressaltando a sua condição de especialista em relação ao tema proposto e a condição de aprendizes dos destinatários de seu discurso.

Estruturação do tema e do assunto

De modo geral, os manuais de redação consagram espaços a modelos variados de organização temática da dissertação, narração e descrição. Tais técnicas constituem, sem dúvida, valioso auxílio para alunos que têm dificuldades de ordenar idéias, fatos e

aspectos sensoriais da realidade, com vistas a transformá-los em unidades temáticas textuais. Entretanto, não existe a preocupação de explicitar o significado argumentativo de cada modelo.

Analisemos uma forma narrativa (análise aplicável aos demais modelos), a qual defende a ocorrência mais ou menos evidente das seguintes categorias em textos desse tipo: apresentação, complicação, resolução e avaliação. Tenhamos em conta, também, os tradicionais elementos obtidos através das questões: Com quem? O quê? Como? Quando? Onde? Por quê? Para apreender o significado argumentativo de cada categoria e de cada elemento, relembremos o papel da intenção do autor na estruturação de um texto de qualquer tipo. Se, no relato de um homicídio cometido por um habitante de favela, o relator tem a intenção de minimizar a responsabilidade do homicida enquanto indivíduo, privilegiará a categoria "*apresentação*" e os elementos "*Onde?*" e "*Por quê?*", centrando-se nas adversas condições econômicas, sociais, educacionais, habitacionais, em que vivem o acusado e sua família, enfatizando que tais condições moldaram o seu modo de agir. Todavia, se a intenção for a de formar uma opinião favorável a sanções penais mais rigorosas ou a de denunciar a ineficiência do aparato policial e judicial, dará maior ênfase e espaços às categorias "*complicação*" e "*resolução*", bem como aos elementos "*O quê*" e "*Como?*".

Na produção do texto dissertativo, o princípio norteador, na sua essência, é idêntico. Mesmo assim, pode-se elucidar melhor sua natureza argumentativa.

Muitos manuais de redação postulam um modelo próprio para a dissertação expositiva e outro, para a dissertação argumentativa, embora a própria exposição possa servir à argumentação. Isso não significa, porém, que esses textos apresentem o mesmo grau de argumentatividade daqueles explicitamente argumentativos. Suponhamos que um candidato a reitor queira conseguir a adesão dos três segmentos da respectiva universidade para a sua proposta de dirigir a instituição. Um texto coerente com tal intenção poderá adotar o modo "*informar-denunciar-anunciar*", reunindo dados atuais referentes às atividades de docência, pesquisa e extensão, que serão julgados de modo a fazer emergir problemas e responsáveis por eles; finalmente, o texto anunciará as soluções eficazes que a administração futura pretende adotar para dirimir os problemas detectados, bem como as invocações a serem implantadas na instituição. Por outro lado, o mesmo candidato, ao exercer sua função docente, com base em conteúdos programáticos determinados pela ementa de sua disciplina, certamente escolherá outro modelo para compor seus textos didáticos (escritos ou orais), isso porque sua intenção,

em tal circunstância, é a de conseguir a adesão dos alunos ao modo de pensar dos especialistas de sua disciplina. No caso, poderia servir-se do modelo tradicional *"introdução-desenvolvimento-conclusão"*.

Assim, a estruturação de um texto é uma tática argumentativa, entre outras.

Tempo e lugar da enunciação

A adequação do texto argumentativo ao momento histórico e ao local de sua realização constitui outro fator importante para a sua eficácia. Exemplo recente disso tivemos no Brasil. Num momento de hiperinflação, o Governo recorreu a um plano de emergência, o Plano Cruzado. Para garantir a adesão de todos, providenciou a produção de textos de alto valor argumentativo, adequando-os e divulgando-os, sobremaneira, na televisão. Os efeitos desses textos foram tão evidentes que o Brasil encheu-se de "fiscais" do plano econômico. Relembremos, ainda, que aquele período caracterizou-se por uma elevada aceitação do Presidente e do seu Ministro da Fazenda junto à opinião pública. Daí se deduz que o aproveitamento do momento histórico é uma tática argumentativa importante.

Também o local da enunciação pode ser fundamental. No exemplo citado, esse local foi privilegiado: a televisão. Quanto à localização dos textos de periódicos, classificados como meios de comunicação de massa, sua força persuasiva encontra-se em circunstâncias tais como: a) tiragem, prestígio e abrangência da publicação; b) localização do texto: uma manchete de capa e de primeira página sobrepuja todas as demais localizações em eficácia argumentativa; c) tamanho dos caracteres escritos: quanto menores forem estes, tanto menos convincentes serão; d) diagramação etc.

Vocabulário designativo x vocabulário valorativo

Já que existe uma riqueza de trabalhos da Semântica Argumentativa e da Lingüística do Texto que abordam fertilmente os recursos gramaticais com finalidade persuasiva, interessa-nos fazer uma rápida incursão no léxico português, muito rico em vocábulos que mais têm a função de avaliar do que de designar seres, fatos e aspectos da realidade objetiva.

Nos textos-meio de persuasão doutrinária (política, religiosa, filosófico-ideológica etc) e de persuasão mercadológica, costumam ocorrer vocábulos predominantemente valorativos. Seu poder argumentativo está no escamoteamento da realidade; o

enunciador não se limita a designar, formalizar e objetivar verbalmente a realidade enfocada, de modo que esta se aproxime da "realidade em si", mas realiza um processo simultâneo de designação-valorização, apresentando a sua versão como a verdadeira. Desse modo, orienta, em via única, o modo de pensar, sentir, querer e, até mesmo, o modo de agir do enunciatário incauto.

O vocabulário valorativo, como poderia parecer à primeira vista, não se restringe a adjetivos e advérbios. É certo que essas classes são representantes máximas. Também há substantivos e verbos que valoram os respectivos referentes ao designá-los:

*Noite. Nuvens negras, mormaço, fumaça de lixeira. Relâmpagos desenham **tétricas** sombras nos paredões de rocha atrás da favela.*

*Vultos surgem, desaparecem, reaparecem, escondem-se. Na frente do **bando**, um ruivo, munido de foice e martelo. Na encosta, um barraco de sucata, **covil de malfeitores**.*

*Estupros, roubos, seqüestros, assaltos: **fingir, invadir, desacatar, espoliar**. Eis alguns de seus sódicos objetivos. Nada demais para o seu **ódio** classista e para a sua **volúpia** de poder e destruição.*

*Seu alvo: as pessoas **pacíficas, honestas, dignas, nobres, cultas, generosas** da mais alta sociedade; os seus próprios **benfeitores**. Seu objetivo final: **subordinar o pacato** povo brasileiro ao **bárbaro jugo** proletário.*

No texto forjado acima, os vocábulos grifados podem remeter a seres, fatos e aspectos do mundo objetivo, mas esta função é indissociável de um julgamento valorativo; antes, objetivam uma posição ideológica em detrimento de sua função designativa.

Este ensaio interrompe-se aqui, pois os aspectos de enunciação do texto argumentativo constituem-se num assunto amplo. Em passado mais distante, já foi instrumental prático para sofistas e objeto de estudos filosóficos para Aristóteles. Chegou até nossa época mais como arte do que como ciência, com o nome de Retórica. Hoje, já com status científico, recebe tratamentos diversificados, mas complementares, com denominações tais como Análise do Discurso, Lingüística do Texto, Semântica Argumentativa, Pragmática. De qualquer modo, a explicitação prévia de certas operações envolvidas na enunciação do i texto argumentativo contribui para melhores resultados pedagógicos, na orientação da leitura e da aprendizagem da redação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.